

26-X-1954

Uma necessidade a união dos partidos do centro

A secessão é derrota certa, com tôdas as suas graves conseqüências — Indispensável a ampliação da Frente Democrática, segundo o sr. Raul Pila

Publicamos, há dias, uma entrevista do deputado gaúcho Clóvis Pestana sugerindo a ampliação, no âmbito federal, da Frente Democrática, que deu a vitória ao sr. Ildo Meneghetti. Falando sobre o mesmo assunto, sucessão presidencial, expomos a sua opinião, hoje, o deputado Raul Pila, presidente do PL, partido que contribuiu decisivamente para o triunfo do sr. Meneghetti nas eleições do Rio Grande do Sul. São dêle as seguintes palavras:

— Se bem ainda falta mais de ano para o pleito, já é tempo de cuidar da futura Presidência da República. E' fatalidade do regime que tudo gire em tôrno desta questão, agora por certo, mais grave do que nunca. Gravíssima é, morto o sr. Getúlio Vargas; muito mais grave seria, se êle vivo fôsse.

Estão à vista os enormes perigos que esta sucessão nos oferece. E' simplesmente uma tremenda aventura, que nos poderá lançar às con-

clusões da anarquia e levar conseqüentemente à ditadura.

Por isto, não estou cogitando nem de candidatos, nem de candidaturas. Conhecendo, embora, os grandes óbices que serão necessários transpor, estou concentrando a minha atenção na solução radical e definitiva do

problema sucessório, que atualmente domina e absorve tôda a vida política do país.

Simplex é a minha fórmula: suprimir a sucessão presidencial, tal como a conhecemos e a natureza do regime a impõe. E' a imediata reforma constitucional, para o fim de estabelecer o sistema parlamentar de governo. Transformada a Presidência da República numa alta magistratura e deferida ao Congresso Nacional a tarefa de escolher o magistrado, deixará de existir o problema.

Não seria impossível votar-se a emenda a tempo de evitar o pleito. Nem difícil seria, se contra ela não se erguesse os interesses dos candidatos, já manifestos ou ainda latentes, que aspiram à glória de salvar o país. Não falo, é claro, da resistência de alguns jornais, dos mais prestigiosos, que ainda supõem viável a salvação com êste regime condenado por uma já longa experiência.

Assim, não sendo certo que se chegue agora a tempo de suprimir o problema, força me é começar a considerá-lo, a fim de tentar a menos desastrosa solução possível.

Se há uma evidência, é a da necessidade de um entendimento entre os partidos do centro, como o PSD e a UDN. Caro temos pago os erros anteriores. Secessão é derrota, com tôdas as gravíssimas conseqüências que ela implica na atual situação.

Mas, se evidente é a necessidade, fácil não será satisfazê-la. Demasiado grande é a soma de poderes que o regime enfeixa nas mãos do presidente da República, para que um partido forte se resigne a entregá-lo a outro. Por isto falharam, principalmente, as anteriores tentativas de acôrdo. Outra dificuldade é encontrar um candidato que, por seu valor pessoal, se imponha naturalmente a outro partido. Neste deserto de homens, a que sessenta anos de presidencialismo reduziram a vida política do país, são considerações meramente circunstanciais, como o exercício do governo de um Estado, o que determina a escolha dos candidatos. Daí a tendência de procurar num terreno politicamente neutro, como as classes armadas, o homem capaz de polarizar correntes variadas.

VOTO, REALIDADE MAL DIRIGIDA

Prossegue o sr. Raul Pila:

— Haveria um meio de facilitar a escolha de um candidato interpartidário: a legenda interpartidária, ou, como acertadamente a denominou o deputado Nestor Duarte, a legenda superpartidária. Infelizmente, o projeto oportunamente apresentado pelo deputado Afonso Arinos não teve andamento, tal a incompreensão com que foi acolhido. Se tivesse sido adotado, permitiria agora que os partidos do centro marchassem mais seguramente para a luta.

Não sei, se deva dizê-lo: ainda quando se chegasse ao preconizado acôrdo, certo não seria a vitória do candidato comum. Tal é o potencial demagógico criado e difundido neste país pela ausência de uma verdadeira democracia, de uma democracia capaz de formar e educar os seus cidadãos, que a única esperança de salvação reside na rivalidade dos grandes demagogos. Ténue esperança, aliás, como nos adverte a recente eleição do Estado de São Paulo, em que o candidato do centro, homem altamente recomendável do ponto de vista moral e administrativo, embora talvez criticável do ponto político, foi amplamente superado por cada um dos seus rivais. Em pleno reinado da demagogia, o eleitorado é como gado alçado.

Outra advertência quero eu fazer aos políticos, que teimam em raciocinar em termos do passado. O voto é hoje uma realidade, mas uma realidade ainda mal dirigida. Para muitos, em vez de uma arma para a luta cívica, é o meio de participar num jogo. E ninguém joga para perder... Assim sendo, a propaganda, certos fatos fortuitos, certos fatores imponderáveis podem decidir da vitória, ou da derrota.

Como se vê, movediço é o terreno em que vamos pisar neste próximo ano